



A MOBILIDADE E O USO DE ELEMENTOS AFRO EM IGREJAS EVANGÉLICAS FUNDADAS POR MULHERES NO SÉCULO XXI

The mobility and the use of African elements in gospel churches founded by women in the twenty-first century

Edilene Silva do Rosário

Resumo

O trabalho apresenta as religiosidades expressadas por mulheres evangélicas que fundaram suas próprias igrejas no Brasil, mais especificamente a mobilidades dessas mulheres que saem de suas igrejas e fundam novas. Para isso utilizamos vídeos coletados na internet que mostram cultos nos quais mulheres são fundadoras das igrejas. Podemos levantar através dos vídeos as características dessas igrejas: localização, espaço físico, cor dos membros e da liderança, e também a classe social. Neles percebe-se um grande uso de elementos de religiosidade afro nos cultos. Sabemos que há uma forte tendência do meio religioso evangélico em demonizar elementos de religiões de matriz africana e desvalorizar lideranças femininas. A pesquisa traz uma reflexão sobre como esses elementos modificam o culto e são parte do caminho de mobilidade das mulheres e sobre as religiosidades femininas quando não tem mais a figura do masculino para influenciar de maneira direta as práticas e decisões nas igrejas evangélicas.

Palavras-chave: Elemento afro. Liderança feminina. Mobilidade.

Abstract

The paper presents the religiosities expressed by gospel women who founded their own churches in Brazil, specifically the mobility of those women who leave their churches and found new. For this we use collected videos on the internet showing services in which women are founders of the churches. We could find through the videos the characteristics of these churches: location, physical space, color of the members and the leadership, as well as social class. In them you can see a great use of African elements in the services. There is a strong tendency in the religious environment to demonize African elements and devalue women leaders. The research reflects about how these elements modify the service and are part of the way of mobility of women and on female religiosity when no longer has the male figure in a direct way to influence the practices and decisions in gospel churches.

Keywords: African element. Female leadership. Mobility.

Considerações Iniciais

A presente pesquisa estuda igrejas evangélicas fundadas por mulheres que abriram suas próprias igrejas no Brasil e as religiosidades expressadas por elas em seus cultos, mais especificamente sobre a mobilidade das mulheres que saem de suas igrejas e fundam outras e porque são encontrados elementos de religiosidade afro em seus cultos.

Serão utilizados vídeos na internet que mostrem os cultos de mulheres que fundaram suas próprias igrejas evangélicas para analisarmos suas práticas religiosas e, inclusive, as oriundas de religiões de matriz africana por elas adotadas. Pretendemos analisar como esses elementos aparecem e a razão da presença deles para que sejam conhecidas as práticas religiosas de pastoras e possamos, assim, oferecer uma reflexão sobre as religiosidades femininas quando não tem mais a figura do masculino para influenciar de maneira direta os cultos e decisões nas igrejas evangélicas.

Uso do elemento afro em igrejas evangélicas

Introduziremos com a palavra raça, que existe desde o século XVI na França e significava uma família aristocrática. No século XVII significava povo e no século seguinte nação. Mas foi no século XIV que foi iniciado o conceito de raça no tráfico negreiro e este conceito se estendeu nos séculos seguintes e se firmou sobre a sociedade mercantilista. Índios e negros não eram considerados sujeitos sociais e isso permitiu aos colonizadores colocarem sua cor como representação de sua diferença ao que era inferior a ponto desta branquitude legitimar a diferença da superioridade e assegurar os privilégios dos brancos sobre os negros e índios.¹

A identificação de raças é assim percebida como “uma construção social, política e cultural produzida no interior das relações sociais e de poder ao longo do processo histórico”.² Essas construções são baseadas em relações de poder ligadas a contextos

¹ MENA-LÓPEZ, Maricel. **Sou negra e formosa: raça, gênero e religião.** IN: MUSSKOPF, André; STRÖHER, Marga (Orgs). Corporeidade, etnia e masculinidade – Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 29-46.

² MUNANGA, Kabingele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos.** São Paulo: Ação Educativa, 2004. p. 176.

históricos específicos e direcionam seus adeptos a valorizar pessoas de acordo com rasgos congênitos. “No caso da história ocidental, o racismo tem sido justificado, codificado em leis, institucionalizado e socializado pelos mais diversos meios: políticos, econômicos, filosóficos, biológicos, teológicos, etc”.³

Essa situação também é conflitante no meio religioso, já que as raízes religiosas brancas são respeitadas e representam o bem e a justiça, as raízes afro são ligadas ao mal e ao não civilizado. Os elementos de religião de matriz africana não são bem vistos pelos cristãos, são demonizados pela sociedade. Também não é bem visto inserir elementos conhecidamente oriundos de religiões africanas nos cultos evangélicos.⁴

Percebe-se uma aceitação melhor por parte das pastoras evangélicas de diversas denominações na mescla de elementos afro em seus cultos e um combate a esses elementos por parte de igrejas neopentecostais lideradas por homens. Uma mulher presidindo cultos também não é algo socialmente bem visto por uma parcela considerável de denominações evangélicas. Pode, de certa forma, existir nas mulheres que fundam suas igrejas evangélicas uma busca por elementos de outras religiões, no caso, as de matriz africana, que tem elementos de simbologias femininas, já que os símbolos do cristianismo são ligados majoritariamente ao masculino.⁵

Nas últimas décadas houve uma “irrupção da consciência histórica na vida de milhares e milhares de mulheres levando-as à luta libertária através de uma ativa participação em diferentes frentes das quais elas estavam ausentes”.⁶ Uma dessas lutas foi a de resignificar o papel da mulher dentro das igrejas. Do ambiente doméstico e limitado a mulher passou a buscar o mundo do trabalho, e com essa nova experiência houve uma nova compreensão de vários fatores de sua vida, inclusive o religioso.⁷

Essa mudança do fazer teológico da mulher se deu juntamente com o que Ivone Gebara chama de “mobilidade para não ser tratada como bicho desprezível”.⁸ Essa mobilidade a que faz referência não é a mobilidade para ascensão social e sim a mobilidade para melhorar a situação em que vive ou “simplesmente para uma vida possível”.⁹

³ MENA-LÓPEZ, 2005. p. 31.

⁴ GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de mulher**. São Paulo: Edições Paulinas, 1994.

⁵ GEBARA, 2000.

⁶ GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara Luccetti. **A mulher faz teologia**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 18.

⁷ GEBARA, 1994.

⁸ GEBARA, 2000. p. 19.

⁹ GEBARA, 2000. p. 19.

Na escolha por práticas religiosas no caminho para a liberdade, foi verificado nos vídeos que os elementos de religiosidade afro são os escolhidos por um número expressivo de mulheres. É sabido que nas religiões de matriz africana a mulher tem um espaço especial no ministério sacerdotal, e que ocupa funções importantes, como presidir e coordenar as cerimônias religiosas, além de receber e transmitir o desejo da entidade para os outros que participam da cerimônia. Nas igrejas evangélicas não é permitido ou é quase inexistente a mulher presidir cultos.¹⁰

Desta forma, nos voltamos à questão do gênero, porque a mulher é, assim como o culto africano, demonizada pela sociedade. O branco e o sexo masculino são ligados ao bem e à justiça, o negro e a mulher são ligados ao mal, à tragédia, ao não civilizado. O corpo da mulher também é ligado ao mal e a libertação dos corpos nos cultos evangélicos em igrejas fundadas por pastoras é mais um elemento marcante da observação feita através dos vídeos. Verificam-se performances que não são encontradas em cultos cristãos, e sim em religiões de matriz africana, onde há danças, rodopios, uso extremo de toda corporeidade para expressar a religiosidade.

Hoje no Brasil a cultura negra e branca convivem de maneira conflituosa, sendo o padrão branco o que recebe privilégios e tende a ser valorizado. Apesar da metade da população brasileira ser de negros, esse fator não parece mudar os conceitos racistas que envolvem a cultura negra e a conseqüentemente as religiões de matriz africana.¹¹

Uma das ideias abraçadas pelo cristianismo é a de que a religiosidade africana deve ser banida por ser maligna. Com a chegada dos escravos africanos em toda a América, eles trouxeram da África a sua filosofia, cultura e religiosidade. Mas aqui foram catequizados em um cristianismo que nem sequer os considerava humanos. Dessa forma foram usados todos os meios possíveis e violentos para acabar com a expressão africana de entender o mundo assim como suas religiões. Foram usados também meios discriminatórios para reprimir e insultar a fé africana, de modo que ficasse também mal vista por parte de todos. Aqueles que continuaram apesar dos ataques e violências foram reprimidos intelectualmente, já que a expressão africana de fé e seus costumes são vistos como algo diabólico.¹²

¹⁰ GEBARA, 1994.

¹¹ MENA-LÓPEZ, 2005.

¹² MENA-LÓPEZ, 2005.

As raízes negras e seus costumes são totalmente desvalorizados e reprimidos de serem usados não somente nos cultos, mas na vida diária do religioso.¹³ “Esta repulsa da cor, às vezes irrefletida, também se estende à cultura latino-americana. Em geral, o que é branco se aproxima do bem e da justiça e o que é negro se aproxima do mal, da tragédia, das más situações, do demônio”.¹⁴

Há uma forte crença de que o branco é melhor que o negro.¹⁵ Nas práticas religiosas o uso de turbantes, roupas brancas, danças que se assemelhem às africanas e os rodopios característicos também das danças africanas são logo associados às religiões de matriz africana e não são aceitos para serem utilizados nos cultos. A forma de celebrar o culto em roda também é desencorajada. O racismo afeta a todas as áreas da vida do indivíduo, já que inculca no proceder do religioso uma postura de afastamento e repressão de outras manifestações de fé e costumes vindos de outros povos.¹⁶

Outra das ideias que a religião cristã traz se relaciona com a não validação da mulher enquanto líder religiosa, ideia que está intimamente ligada com a construção de gênero e relações de poder, desta maneira, a categoria de gênero é imprescindível para o entendimento de como o poder é estruturado em todas as esferas da sociedade, já que é através do sexo masculino que a mulher é oprimida, porque tudo relativo à mulher foi moldado e é dominado pelo homem, ela já se entende como inferior, como sujeito passivo e dependente da figura masculina.¹⁷

Segundo Gebara, enquanto dependente da figura masculina, a mulher se vê presa à obediência religiosa que é fonte de opressão e alienação “que nem sempre estão ligadas ao nível da consciência pessoal”. Na América Latina as mulheres nem sempre percebem a situação a qual são colocadas, e muitas vezes repetem o modelo que lhes é imposto¹⁸ por entenderem sua existência a partir de outros como identidade feminina, como destino, e não são poucas às vezes em que as próprias mulheres “se levantam contra as que fugiram desse modelo e tentaram ser um pouco mais para elas mesmas”.¹⁹

¹³ MENA-LÓPEZ, 2005.

¹⁴ GEBARA, 2000. p. 74.

¹⁵ GEBARA, 2000.

¹⁶ MENA-LÓPEZ, 2005.

¹⁷ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

¹⁸ GEBARA, 2000, p. 158.

¹⁹ GEBARA, 2000, p. 98.

É o feminismo que abre o entendimento para que as mulheres possam compreender sua realidade e buscar a construção de uma identidade diferente da que a sociedade impôs.²⁰ Desta forma a mulher abre espaço para o pensamento de que o saber filosófico, a cultura e os costumes de um povo não são únicos, são próprios do ser humano e por isso são plurais, e são expressos por diferentes civilizações, em diferentes momentos e cultivados por povos que tem características distintas, mas igualmente respeitáveis e livres para uso e apropriação.²¹

O caminho da mobilidade começa com a ruptura, que significa simplesmente uma busca de “saídas para uma vida melhor ou simplesmente para uma vida possível”.²² A mobilidade, segundo Gebara, é um “comportamento padrão para se buscar outros caminhos”.²³ Caminhos nos quais as relações de opressão e dominação masculina sejam deixadas para trás. Assim, em sua busca por novos caminhos, saem de suas igrejas de origem e fundam novas igrejas, com um novo pensar, que elas podem exercer posições de liderança e que não estão ligadas ao mal.

Quando a mulher em seu caminho de mobilidade – agora líder religiosa e se sentindo apta para fazer suas escolhas – insere elementos afro em seus cultos, a não validação por parte de outros religiosos se intensifica, já que aí se encontram duas situações que não são aceitas: mulheres líderes religiosas e elementos afro nas celebrações.

Todo esse conflito se dá porque, segundo Ivone Gebara,

Hoje nem mesmo as diferentes religiões conseguem se manter dentro de uma coesão grupal mais ou menos harmônica no interior de seus espaços. As Igrejas e as religiões são também lugares, talvez de forma diferente que no passado, de disputas internas e dissensões, não só do ponto de vista doutrinário como do ponto de vista das práticas religiosas e políticas. Cada grupo quer ter razão sobre a maneira de interpretar a tradição religiosa e a maneira de torná-la presente na história atual. Mais que isso, percebe-se que os laços de pertença às diferentes instituições sociais, e entre elas as Igrejas, tornaram-se mais fluídos ou talvez mais tênues.²⁴

²⁰ GEBARA, 2000, p. 99.

²¹ MENA-LÓPEZ, 2005.

²² GEBARA, 2000, p. 19.

²³ GEBARA, 2000, p. 43.

²⁴ GEBARA, Ivone. **Vulnerabilidade, justiça e feminismos**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010. p. 74.

A irracionalidade do mal gera o racismo, a violência e todo tipo de preconceitos. Há uma cor e religião normativas, e dessa normatividade nasce o desprezo pelo diferente, e conseqüentemente o combate.²⁵ “Como sabemos, a religião nem sempre foi um lugar isento de violência. Ao contrário, em diversas situações, a religião não foi apenas um lugar de violência, mas a justificação última da violência praticada contra as mais diversas pessoas”.²⁶ Perceber que um segmento religioso possa trazer tal violência sendo amparada pela crença é justificado por sabermos que “há também experiências negativas que compõem a experiência espiritual. Nem toda espiritualidade é saudável, nem sempre conduz ao bem próprio e do próximo”.²⁷ |

Considerações Finais

| A religião encerra em si mesma grandes contradições. A mensagem que leva seria a de garantir a vivência do ser humano com bons valores, mas o que muitos lugares propagam é a cumplicidade com a violência social. É preciso retomar uma posição de aceitar o caráter relativo de todas as construções humanas, e aceitar de maneira tolerante e sem preconceitos.²⁸ Podemos ter nossa fé sem que a mesma agrida a de outros, ou ofenda e condene.

É preciso buscar um consenso ético em torno de questões relacionadas ao respeito às diferenças e valorização da cultura negra por parte dos homens e mulheres. Junto a isso, propiciar uma nova espiritualidade que ultrapasse fronteiras religiosas e reconheça que “tanto o cristianismo como as religiões de matriz africana são construções culturais, ligadas à história e à cultura ocidental e africana, porém nenhuma religião deve ser universal”²⁹ e não deve ter o poder de ditar que outras são malignas e que não podem ter seus elementos absorvidos por outras. As religiões devem levar ao respeito mútuo, e à valorização do ser humano, qualquer que seja sua raça ou credo. |

Referências

| BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

²⁵ GEBARA, 2000.

²⁶ GEBARA, 2000, p. 155.

²⁷ ROESE, Anete. Sofrimento espiritual, busca de sentido e espiritualidade. IN: **Revista Pistis Práxis**. Curitiba, v. 3, no. 2, pp. 333-359, jul-dez. 2011.

²⁸ GEBARA, 2000.

²⁹ MENA-LÓPEZ, 2005, p. 40.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina**: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____; BINGEMER, Maria Clara Luccetti. **A mulher faz teologia**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Teologia em ritmo de mulher**. São Paulo: Edições Paulinas, 1994.

_____. **Vulnerabilidade, justiça e feminismos**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

MENA-LÓPEZ, Maricel. **Sou negra e formosa**: raça, gênero e religião. IN: MUSSKOPF, André; STRÖHER, Marga (orgs). *Corporeidade, etnia e masculinidade – Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje**: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

ROESE, Anete. Sofrimento espiritual, busca de sentido e espiritualidade. IN: **Revista Pistis Práxis**. Curitiba, v. 3, no. 2, pp. 333-359, jul-dez. 2011. |